

Luís António de Azevedo, classicista português do séc. XVIII

Maria Helena Dinis de Teves Costa Ureña Prieto
Faculdade de Letras de Lisboa

Houve, na Literatura Latina, duas poetisas com o nome de Sulpícia. Uma, poetisa lírica, dedicada à elegia amorosa, cujas obras figuram no *corpus Tibullianum*, viveu no I séc. a. C. Outra, autora de uma sátira contra o Imperador Domiciano (51-96 d. C.) era, necessariamente, contemporânea deste: viveu, portanto, na segunda metade do séc. I d. C. Também escreveu poesia amorosa. Há quem as confunda, mas a contemporaneidade da primeira com Tibulo e da segunda com Domiciano parece não permitir qualquer identificação.

Foi ao estudo, à edição e à tradução da *Sátira* da segunda Sulpícia contra Domiciano que o classicista português Luís António de Azevedo dedicou um volume da sua vasta obra, publicado em 1786 ^[1].

Os portugueses têm por costume autodiminuir-se em tudo e também no juízo formulado sobre o valor da sua cultura clássica. Não pretendemos, para contrabalançar esse juízo autodestrutivo, demonstrar que a cultura clássica portuguesa do séc. XVIII apresenta uma produção superior ou comparável à de outros países da Europa, justamente conhecidos pela sua notabilíssima produção nesse campo, como a Inglaterra, a França, a Holanda e a Alemanha, tão justamente notáveis depois do Renascimento italiano e da filologia dos Bibliotecários de Alexandria, na Antiguidade. Desejamos, contudo registar a verdade histórica documentada por esta edição da *Sátira* de Sulpícia.

Segundo o *Dicionário Bibliográfico Portuguez* de Inocêncio Francisco da Silva ^[2],

Professor regio de grammatica e lingua latina, ultimamente no Real estabelecimento do bairro de Alfama, Luís António de Azevedo nasceu em Lisboa no anno de 1755, e consta que seu pae fora de profissão livreiro. Aplicou-se ao estudo de humanidades e philologia e mais particularmente aos das línguas grega e latina, adquirindo de uma e outra profundo conhecimento. Não era menos o que havia da portuguesa. que toda a vida cultivou com especial e dedicada predilecção. Era de um *puritanismo ferrenho* em linguagem e timbrava de imitar os escritores vernáculos do século XVI, cuja leitura e analyse – constituíam desde muitos annos uma das suas agradaveis occupações. Posto que não se dedignava de usar às vezes nas suas obras de archaismos ou vocabulos obsoletos; contudo, no tocante à construção da phrase, cumpre confessar por verdade que foi regular e corrente, sem deixar-se levar do exemplo de Farinha e de outros taes cegos imitadores e idólatras do quinhentismo.

Examinando a citada edição da poetisa satírica romana, acrescentaríamos às afirmações de Inocêncio que Luís António de Azevedo conhecia uma vasta bibliografia desde o séc. XVI sobre a obra que publicou em português.

Ouçamos o classicista:

A sátira foi descoberta entre os poemas de Ausónio, e publicada pela primeira vez junta com este Auctor por Taddêo Ugoletto no ano de 1500, em 4.º, e que d'aqui viera attribuirem-na muitos antigos escritores ao mesmo Ausónio [3] por ter sido descoberta entre os seus Opúsculos, e dada com eles à estampa não só pelo mencionado Ugoletto, mas também por Aldo, e por todos os mais editores que o seguirão.

Parece-nos útil registrar algumas notas sobre os editores indicados pelo classicista [4]. Tadeu Ugoletto nasceu em Parma, viveu na corte do rei Matias Corvino (rei da Hungria, de 1458 a 1481), em cuja Biblioteca exerceu funções até à morte do rei, tendo regressado posteriormente à cidade natal, onde se dedicou, entre outras tarefas, à de impressor. Quanto a Aldo, é um dos mais famosos impressores italianos da família dos Manuccio ou Manuzio. Atendendo à cronologia, trata-se provavelmente do Aldo, filho de Paulo Manuccio, que viveu de 1547 a 1597 e foi Diretor da Imprensa Vaticana. No entanto, para que a edição aldina aludida fosse posterior à de Ugoletto (1500), poderia também ter sido publicada pelo primeiro dos Aldos (Aldus Pius Manutius Romanus) que viveu de 1449 a 1515, o que Azevedo não esclarece, naturalmente por ser, na época, a edição bem conhecida.

Continuando a sua digressão sobre a *Sátira* de Sulpícia, distinguindo-a de outros autores com os quais se publicou, Azevedo regista:

Como já advertiu Escalígero, bem claramente consta dos versos 8 e 65 da presente *Sátira*, contra a opinião daquelles indiscretos e inadvertidos Filólogos. Em Strasburg no anno de 1509 com as obras de outros Poetas sahio também esta *Sátira* revista por diligência de Jorge Merula, como diz Fabricio (*Biblioteca Latina* de João Alberto Fabricio, Lípsia, 1774); Burmano (Prefação aos *Poetas Latinos Menores*) e o declara igualmente nos seus *Annaes Typographicus* Miguel Maittaire, Tomo II, parte I, p. 202)

Como se vê, Azevedo cita de passagem alguns nomes notáveis da cultura europeia, demonstrando que manuseou não só diversas edições da *Sátira* mas os mais diversos comentários à mesma. Um nome avulta entre outros, o de Júlio César Scaliger (Escalígero, na forma aportuguesada a partir da forma latina, como era uso então). Júlio César Escalígero viveu de 1484 a 1558 e dedicou-se à difusão das

letras clássicas. Era pai do ainda mais célebre José Justo Escalígero (1540-1609) que possuía um domínio excepcional do grego e do latim. Este editou Festo, os elegíacos (sobretudo Propércio); foi o descobridor dos glossários e o fundador da cronologia. Em 1606 publicou o *Thesaurus temporum* em que editou todos os antigos cronógrafos revistos criticamente, começando pela *Crónica* de Eusébio de Cesareia. Segundo afirma Kroll ^[5], exerceu uma influência só comparável à de Erasmo e fez progredir a Filologia para além dos limites alcançados na Antiguidade.

Um classicista menos conhecido dos que os da ilustre família Scalliger foi Jorge Merula (Giorgio Merulam, 1424-1494) discípulo de Filelfo, que exerceu funções professorais em Mainland e em Veneza.

Mas, como se não bastasse para documentar a erudição do editor português, eis que se refere a Pedro Burmann (1668-1741), filólogo holandês que estudou sobretudo Petrónio e Ovídio. Publicou uma edição dos *Poetas latinos menores*, 2 vols., Leida, 1731, 4º. No tomo II, a p. 408, refere-se à Sulpícia satírica, de que foi editor e comentador, distinguindo-a bem de outros autores.

Há mais um classicista com o nome de Pedro Burmann, mas parece pertencerem também ao atrás citado, segundo refere Azevedo na p. 70, as notas à *Sátira* de Sulpícia na *Miscl. Observation. Critica in Auctores veteres et recentiores*, vol. VII, p. 256, Amsterdão, 1736, 8º e vol. VI, Tomo II, p. 368, 1735.

Quanto a Miguel Maittaire (1667-1747), embora não fosse inglês, estudou em Oxford e chegou a ser professor na escola de Westminster.

Continuando nas suas observações à edição supracitada de Sulpícia, prossegue Azevedo:

Nesta edição, porque também traz mais obras poéticas atribuídas a Sulpícia, parece, conforme nota Wernsdorf, que a presente *Sátira* se acha inserta e confundida com poemas de outra Sulpícia mais antiga, os quais estão ainda no quarto livro de Tibulo.” Desta vez, refere-se Azevedo a propósito de editores da poetisa latina, a João Cristiano Wernsdorf (1732-1793), nascido em Wittemberg, professor em várias escolas alemãs, entre outras a de Helmstadt. Este classicista germânico editou um livro intitulado *Poetae latini minores*, que parece ter sido obra de irmão (Gotlieb Wernsdorf), como explica U. von Wilamowitz Möllendorf ^[6].

Não vamos prosseguir na particularização minuciosa das citações de Azevedo, mas registar de passagem mais alguns classicistas notáveis, editores, comentadores ou tradutores de Sulpícia, que enumera. Um deles foi Boxhorn (Marcus Zuerius, nascido em 1612), professor de eloquência em Leida onde, segundo Azevedo, “não duvidou interpretar para o seus discípulos a *Sátira* de Sulpícia”. Outro foi Isaac Casaubon (1589-1614), filólogo francês de extraordinária erudição em grego e em latim.

Podemos acrescentar ainda Jan van Pauteren (Johannes Despauterius), que morreu em 1524. Na sua *Ars Epistolica* fez anotações a Sulpícia.

Azevedo cita uma edição póstuma (1629) de autores latinos de Jan van der Does (Janus Dousa), classicista que viveu entre 1554 e 1604.

Pierre Pithou (Pithoeus, 1539-1596), classicista francês, incluiu a *Sátira* de Sulpícia numa edição de Juvenal e de Pérsio (Lutetiae apud Mamertin Patissonium Typographum regium, in officina Roberti Stephani, 1585).

O célebre Pontano (Johann Isaac Pontanus, 1571-1639), segundo Azevedo alude na p. 192 da sua edição, fez uma emenda ao v. 14 da *Sátira*.

Quanto a tradutores de Sulpícia, Azevedo cita dois: Michel Marolles traduziu em francês a sátira, que foi impressa com poesias de Juvenal e de Pérsio, em Paris, em 1658. Marco Aurélio Sorano (segundo Azevedo escreve na p. 103), “traduziu em verso italiano a *Sátira* de Sulpícia e juntou-lhe várias anotações, que já se achavão nos precedentes ilustradores”. A edição, junta com trechos de Pérsio, é de Veneza, 1778.

Ao enumerar filólogos notáveis, dos sécs. XVI a XVIII, que Azevedo cita, e as suas edições e estudos sobre Sulpícia, quisemos dar uma idéia de como o filólogo português estava informado e atualizado acerca da produção europeia sobre o assunto. Não queremos, no entanto, deixar de citar alguns parágrafos do próprio autor sobre a natureza da sua tradução e comentário da *Sátira* da poetisa latina. Juntamente com as citações já enumeradas, autoriza-nos a classificar esta sua obra como uma edição crítica, coisa que não é uma novidade dos séculos XIX e XX, pois já se praticava na Alexandria do séc. III a. C., sobretudo quanto aos textos de Homero ^[7].

Na página III do Prefácio (a que chama Prefação), explica a ordem que vai seguir no seu trabalho:

Mas, deixando estas, e outras reflexões concernentes à utilidade, que todos podem tirar da lição da presente *Sátira*, convem, por encurtar leitura, entrarmos já a expor primeiramente os juízos, que tem formado os críticos a respeito do sal, e delicadeza da sátira de Sulpícia: depois de tecer o catálogo das Edições e Commentadores deste seu poema: em terceiro lugar discorreremos sobre o carácter da Tradução que fizemos; e por fim apontamos o methodo, e ordem, que seguimos nestes nossos Escolios, e Anotações, com que a ilustrámos, e nas quais mui difíceis pontos discutimos.

Em seguida (p. XVIII) lembra as máximas de S. Jerônimo sobre a tradução, máximas que diz seguir, e discute alguns dos termos que empregou para traduzir palavras latinas e que poderiam dar lugar a controvérsia. Nessa discussão discorre desde o emprego das mesmas nos autores latinos através

dos tempos até às observações dos eruditos portugueses de várias épocas. A esse respeito observa (p. XXVI):

Finalmente, quanto aos nossos Escolios, e Anotações, não temos mais que dizer ao Leitor senão o que já escrevemos, falando de outras, que fizemos sobre o *Manual de Epicteto* ^[8], com a diferença, porem, que todas as Notas, que traduzimos aqui de vários Commentadores (apontando igualmente ao fim de cada uma o seu nome) forão vertidas não de outra língua, como alli, mas só do Latim; e que, tendo encontrado em um único Author Portuguez ^[9] a explicação de certas palavras de Sulpícia, não nos utilizámos della, para a inserir no corpo das nossas anotações, por ser não só falsa, mas ainda erradas as palavras do Texto, que à margem se achão alegadas”.

E termina as observações sobre as anotações críticas do texto com a seguinte advertência (p. XXXI): “Aqui também nos incumbe advertir ao Leitor, que nos contentámos simplesmente com o título, que demos a esta *Sátira*, sem embargo de a intitular em outros de diferentes modos, porque, segundo nota Sanadon” (na *Carta a Pedro Burmano*, já aludida), “he muito provavel que estes títulos sejam composição dos Copistas, ou dos antigos Grammaticos, e não dos mesmos Auctores que escreverão as obras”.

A este prefácio seguem-se 65 páginas da edição bilingüe (com o texto latino à esquerda e a tradução portuguesa à direita), onde só quase metade ou um terço de cada página é ocupada pelo texto e o restante pelas notas críticas que percorrem os domínios da gramática, da métrica, do vocabulário, da sintaxe, da estilística, da História literária e da História política.

Que uma edição deste nível seja ignorada pelas *Histórias da Filologia Clássica* que citamos nas notas, não nos admira, atendendo à ignorância dos notáveis autores dessas *Histórias* em relação à nossa língua (ou ao seu desprezo em relação à nossa cultura?...), mas lamentamos que os próprios historiadores da cultura portuguesa sejam omissos.

Em relação aos méritos de Luís António de Azevedo, devemos, contudo, lembrar as palavras de Inocêncio Francisco da Silva, supracitadas, que parece ser o único letrado português a fazer-lhe justiça. Além das palavras de Inocêncio que transcrevemos no início desta comunicação, informamos como útil complemento aos méritos do classicista, que, no mesmo artigo do *Dicionário Bibliográfico*, são citadas doze obras do mesmo autor, entre as quais traduções anotadas de autores gregos e latinos, como Platão e Cícero. A maior parte dessas obras pode consultar-se na Biblioteca Nacional de Lisboa.

[1]

Sátira de Sulpícia, Matrona Romana, feita por ocasião do Edicto, que mandou publicar Domiciano, para haverem de sahir de Roma todos os Filósofos, traduzida do latim em linguagem Portugueza, e illustrada com Escolios, e Anotações críticas, e dirigida à Fidelíssima Rainha de Portugal D. Maria I, Senhora nossa, por António de Azevedo Lisbonense.

Lisboa, na Regia Officina Typographica, 1786. Com licença da Real Mesa Censoria.

Biblioteca Nacional de Lisboa, L 53146P. Há também um exemplar na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

[2]

SILVA, Inocêncio Francisco da. *Dicionário bibliográfico portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1860. p. 213-5. t. 5.

[3]

Esta confusão é tanto mais de estranhar quanto Ausónio é um autor do séc. IV d.C. e a sátira foi evidentemente escrita no tempo de Domiciano, embora eventualmente publicada só depois da sua morte por natural precaução.

[4]

Os dados relativos aos vários impressores e classicistas referidos por Luís António de Azevedo são aqui lembrados, não porque julguemos dar uma novidade a quem nos lê, mas para traçar um quadro de conjunto onde se insere a cultura clássica do erudito português. De resto, para o conhecimento dos dados sobre os filólogos clássicos, desde o séc. XVI em diante, há, entre outras obras como as várias *Histórias da Filologia Clássica*, o *Nomenclator Philologorum* de Friedrich August Eckstein, Georg Olm, Hildesheim, 1966 (reprodução da ed. de 1871, Teubner, Lípsia). É provável que já haja edição mais moderna do que a que cito.

[5]

KROLL, Wilhelm. *Historia de la filologia clásica*. Barcelona: Labor, 1967. p. 126.

[6]

Ver: MÖLLENDORF, U. von Wilamovitz. *Storia della filologia classica*. Milão: Einaudi, 1967. p. 95.

[7]

Ver: PFEIFER, Rudolf. *Historia de la filologia clásica, desde los comienzos hasta el final de la época helenística*. Madri: Editorial Gredos, 1981. v. 1.

[8]

Manual de Epicteto Filosofo, traduzido do grego em linguagem portugueza por D. Fr. Antonio de Sousa, bispo de Viseu, e novamente correcto e illustrado com escolios e anotações críticas. Lisboa, na Regia Off. Typogr., 1785, 8º, de LXVI-184 pp.

Nota de Inocêncio: "Além de uma extensa dedicatória ao Duque de Lafões, traz um longo e erudito discurso preliminar do editor. Todos os capítulos da obra são anotados ou antes amplamente comentados com largas illustrações críticas e philologicas".

[9]

"D. Fernando Corrêa de Lacerda, Bispo do Porto, no seu *Panegyrico ao Marquez de Marialva*, impresso em Lisboa por João da Costa no ano de 1674, em 4º, p. 44."